

DOIS TIPOS DE RENOVAÇÃO
DA IGREJA CATÓLICA

A propósito de um livro
de Henri Fesquet

«SEARA NOVA» N.º 1030

A sair em Dezembro de 1964

A O promover a tradução de *Catolicismo, religião de amanhã* de Henri Fesquet, o «Círculo do Humanismo Cristão» da Livraria Moraes pôs ao alcance do grande público português um livro globalmente audacioso sobre tema de actualidade indelmentável. O autor é um jornalista católico, comentador de assuntos religiosos em *Le Monde*; a obra, recheada de transcrições de pensadores católicos contemporâneos e escrita em linguagem acessível e viva, reflecte bem a marca de um jornalismo em que comentário e informação se articulam intimamente.

O tom geral do livro, corajoso e sincero, justificaria só por si que sobre ele se chamasse, sobretudo no nosso meio, a atenção do público. Efectivamente, nunca é demais saudar o desenvolvimento que aquelas duas qualidades estão conhecendo em certos sectores da Igreja Católica. Mas veremos, por outro lado, que não será essa a única nota a salientar a respeito da obra.

A autosatisfação do fariseu que dá graças a Deus por não ser como os outros ou a do sacerdote que renuncia a levar a palavra de Cristo porque os paroquianos estão incorrigivelmente abandonados; a mediocridade intelectual do clero e o primarismo da formação seminarista; a hipocrisia que esconde certas misérias morais da hierarquia e das camadas bem pensantes a pretexto de edificação da sociedade ou a do crente que passa por cima de toda a procura da verdade para fanáticamente se não ver arrancado à sua primária «fé de carvoeiro»; o desprezo pela pessoa humana que se esconde sob o manto do primado do espírito; o luxo das igrejas e das

Pré-avisos enviados à Censura em
..... de de

SERVIÇOS DE CENSURA
(S.D.C.)
CORTADO

residências episcopais — tudo isso Henri Fesquet verbera com concisão e sem sofismas, numa linguagem clara e contundente.

A familiaridade com que o comum dos cristãos fala de Deus repugna-lhe. O Deus «espécie de ajudante superior», «policia que se interessa particularmente pelos infractores», «contabilista miudinho que compõe o livro das nossas boas e más acções», grande relojoeiro do universo, juiz implacável que escreve direito por linhas tortas, «espécie de fada toda poderosa cuja varinha pode, na vida altura, transformar lenços em ratos brancos ou coches em abóboras», força «que faz sair incólume, dum automóvel esmagado, o condutor distraído» (págs. 97-98) — o Deus assim concebido inspira-lhe estas palavras: «Há ateus cuja nobreza intelectual e porte moral dão testemunhos de Deus na medida em que souberam recusar as caricaturas da divindade» (p. 101). Dos dogmas procura uma interpretação humanista: o da Santíssima Trindade é entendido como afirmação de um Deus vivo e actuante no mundo, o da Assunção como exaltação da mulher, etc. Recusa o milagre considerado facto prodigioso, violação ou superação sobrenatural das leis da natureza. Declara a laicização do Estado e da escola conformes ao espírito do cristianismo, e acrescenta inclusivamente: «A escola laica, como o Estado laico, são o sinal incontestável dum progresso irreversível. A escola para todos, como o Estado para todos, são uma conquista da liberdade de consciência» (p. 196-97). Os nomes de Teilhard de Chardin, Chenu, Dubarle, Congar, Lubac, Lacroix, Chauchard, Duméry, cardeal Suhard, os protestantes Karl Barth e John Robinson ocorrem repetidamente neste volume como mestres do pensamento. É sob esses signos que o catolicismo se tornará a religião de amanhã.

Poder-se-á manter socialmente uma

43
«SEARA NOVA» N.º 1430

A ser em Dezembro de 1964

Provas enviadas à Censura em

2 de XI de 60

REPUBLICA
DE PORTUGAL
SECRETARIA DE ESTADO
DO INTERIORE

religião sem as deformações grosseiras denunciadas por crentes como o autor deste livro? Uma religião que não faz milagres, que não fala com segurança sobre a natureza de Deus, que, seguindo o preceito da pobreza evangélica, abandona a imponência das suas solenidades barrocas, uma religião, assim purificada, terá já alguma coisa a dizer ao bom povo crente? E uma construção teológica baseada em paradoxos brilhantes mas perfeitamente desnecessários ou em analogias arrojadas terá *ainda* alguma coisa a dizer aos homens de espírito científico? Sobre o primeiro ponto, a Igreja conhece bem o risco que representa o abandono da idolatria e a reforma litúrgica, mas o seu ecumenismo terá maleabilidade suficiente para se inserir da melhor maneira nos diferentes ambientes. Sobre o segundo, pode também confiar na alma «naturaliter Christiana» de um mundo em que o sofrimento, a incerteza e o medo conhecerão ainda longos anos de vida. Mas esse é um problema de ela em relação a si própria, não de ela em relação a nós. Ora este livro sugere-nos outro de bem maior interesse e actualidade.

Obra de um «católico progressista» — concluirá normamente o leitor, sobretudo o da tradução portuguesa. Sê-lo-á de facto H. Fesquet? Será em nome de um humanismo preocupado em libertar o homem de condições de vida que o impedem de se realizar plenamente, será em nome de esse humanismo que o autor critica a acção da Igreja?

Tão desenvolvido ao condenar a mediocridade, a superstição, o ridículo de muitos aspectos do catolicismo tradicional, sente-se que o autor é um pouco «tímido» ao tratar o problema da significação política do catolicismo. O rol do «passivo» da Igreja parece desconhecer a sua cumplicidade em quase todos os movimentos regressistas que a «civilização ocidental» tem engendrado. Para

REPTADO
CENSURA
REPTADO

não mencionar senão acontecimentos recentes, parece passarem-lhe desapercibidos certos factos que não escaparam por exemplo ao dominicano português Frei Mateus Cardoso Peres que, em artigo notável publicado no n.º 16-17 de *O tempo e o modo*, não oculta certas «fragilidades» que a encíclica paeliana sobre a democracia não pode apagar, não só por ter sido escrita em 1944 mas por não receber aplicação prática em certos outros países católicos senão em mil novecentos e setenta e... Depois de frisar que o «conflito latente» que, a partir de certa altura, se estabeleceu na Itália mussoliniana entre catolicismo e fascismo se desencadeou «sem que a Igreja tivesse tomado disso a iniciativa», acrescenta: «também no caso do nazismo se pode dizer que a resistência ao paganismismo político não foi espontânea. Salvo raríssimas e honrosas excepções, como a do grande Cardeal von Faulhaser, Arcebispo de Munique, só depois de directamente atacados — e esse ataque era fatal — os católicos alemães se aperceberam da natureza do programa nazi. E muitos, estou certo, eram incapazes de ver toda a amplitude da incompatibilidade, como muitos eram incapazes de fazer sua a frase do Papa: *Nós somos espiritualmente semitas* [cf. *Doc. Cath.*, t. 39 (1938), col. 1460]». Não deixa frei Cardoso Peres de insistir nas «oposições da Igreja a estas filosofias da autoridade», mas conclui: «Não seria honesto terminar sem fazer notar que esse passo teve limites, que nas posições romanas permanece algo de ambíguo. Se defendeu a liberdade contra a opressão, foi porque defendeu, antes de mais nada, a sua liberdade. Se se pronunciou contra os totalitarismos, foi sobretudo na medida em que eles a atacaram a ela, e não tanto enquanto totalitários. E em prega, sobretudo na colisão com o fascismo, uma série de distinções para delimitar as suas críticas, que deixam o

«SEARA NOVA» N.º 1430

A sair em Dezembro de 1964

Provas enviadas à Censura em

..... de XI de 64

TRIBUNAL DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

46

«SEARA NOVA» N.º 1030

A sair em Dezemb. de 1960

Provas enviadas à Censura em
..... de de

REPTADO
17 DE AGOSTO DE 1960
SERVIDOR DE CENSURA

observador perplexo. Tanto mais que nunca se usou destes cuidados em relação ao comunismo, no qual tudo, sob todas as formas e em todos os momentos, é condenado». E sobre aquela «série de distinções» esclarece em nota: «Para isso havia, evidentemente, razões de política local. Mas é característico que no auge da polémica, na encíclica *Non abbiamo bisogno*, o Papa tome o cuidado de dizer que nem o partido nem o regime são condenados como tais, mas tudo o que no programa e na acção do partido é contrário à doutrina e prática católica, e prolonga esta ideia dizendo que ao resistir, ao realizar um dever da sua função apostólica o Papa presta serviço ao partido e ao regime. Ora isto vem no mesmo documento em que se declara que a concepção fascista do estado não é conciliável com a doutrina católica e com o direito natural» (1).

Ora, contrariamente a este frade português, H. Fesquet passa como gato sobre brasas pela questão que enuncia sob esta forma pitoresca: *Será a verdade católica «das direitas»?*

Pudicamente, começa por dar parte do seu «escrúpulo em misturar dois planos tão diferentes como o a política e a religião» (p. 145). Mas já que outros o fazem, accede a dizer algo sobre o problema. E então lembra que «a tradição católica, a Igreja, tomada no seu conjunto, tal como se manifesta pela voz dos seus mais autorizados doutores, não é nem das direitas, nem das esquerdas, nem integrista, nem progressista. Estas duas atitudes de espírito foram, cada uma a seu tempo, reprovadas pela hierarquia» (p. 147). Possivelmente tem razão, no plano «fenomenológico» em que se coloca: as vozes dos autorizados doutores. Mas por que é tão somente posto o problema da palavra da Igreja e não o da acção da Igreja? Será a *verdade* católica das direitas? E por que não perguntar também: Tem sido a *prática*

católica das direitas?

Aliás esboça uma tentativa de demonstração segundo a qual a prática também não teria sido o que muitos supões: «Não, o génio do catolicismo não está, pense-se o que se pensa, do lado do integrismo ou do conservantismo. Está pelo contrário — vinte séculos de história da Igreja provam-no — do lado do progresso, do movimento, da juventude, do futuro. Senão, há muito tempo que o catolicismo estaria morto. Quantas vezes se enterrou a Igreja porque reagia muito pouco ou tarde? Mas, ao fim, reagiu antes que fosse tarde de mais» (p. 153).

Se está viva é porque se actualizou. De facto, «é forçoso reconhecer que a Igreja assimila pouco a pouco posições outrora defendidas por pessoas isoladas» (p. 149). Aqui importaria contudo introduzir um pequeno esclarecimento: é que a característica do progressista não é ir a reboque mas marcar à cabeça. E a política é sempre uma luta entre quem vai à cabeça e quem se arrasta penosamente na retaguarda. Não é mais.

Como todo o cristão, o autor afirma o dever de amar, preceito cuja validade dificilmente encontraremos quem se atreva a contestar, mas que, como todos os valores demasiado genéricos, tem faces contraditórias. O cristianismo é uma doutrina de amor. Nunca é demais lembrá-lo. Anda bem o autor em procurar entender esse amor de uma forma relativamente mais concreta do que é corrente. Um amor (*agape*) que de comum com o amor (*eros*) não tem apenas o nome: em ambos uma mesma tendência para «a comunhão universal». A mesma tendência mas, é claro, — parece infantilidade lembrar — em níveis diferentes. Contudo não creio que neste livro seja feita a distinção entre o amor ao amante, ao amigo e ao concidadão honesto por um lado e o amor ao inimigo por outro. Neste ponto, o nosso

«SEARA NOVA» N.º 14/30

A sair em Dezembro de 1964

Provas enviadas à Censura em

..... de XI de 64.....

SECRETOS DE CENSURA
(SEOF)
CORTADO

18

cristão é de um rigor extremo: ser cristão é amar sempre, amar em quaisquer circunstâncias.

«Ser cristão seria, por exemplo, abençoar os carrascos nazis em Dachau; seria rezar pelo oficial alemão que vinha fazer a chamada diante das barracas dos campos de prisioneiros; seria amar todos os alemães em plena guerra; seria, recentemente, considerar o rebelde argelino como um irmão com direito ao nosso respeito, por mais horríveis que fossem as suas violências» (p. 91-92). É a graça divina que torna os homens capazes de amar Hitler. Por que será que a graça divina é por vezes concebida à imagem e semelhança de um estupefaciente? Tudo se passa como se na acção política tudo pudesse também ser conduzido unicamente com sentimentos ternos. Mais duas citações, tiradas uma da mesma página outra da seguinte, esclarecem o que na prática significa essa teoria: «O ódio leva a resultados absurdos: destrói os espíritos e os corações. No plano social, conduz à luta armada que perdeu o sentido depois da descoberta dos engenhos nucleares. Leva directamente ao suicídio colectivo». «Os historiadores reconhecerão um dia, quando morrerem as paixões, que Pétain em 1940 e De Gaulle em 1960 deram provas de generosidade política, o primeiro não hesitando em sacrificar o seu prestígio «para atenuar o infortúnio da França — e o segundo oferecendo a liberdade à África negra e à Argélia, apesar das nossas legítimas razões para as guardarmos sob a nossa égide». E por aqui também se decifra o enigma daquela tão singular aproximação entre os carrascos de Dachau e os rebeldes argelinos.

O «pecador» só pode receber a graça da absolvição se confessar plenamente os pecados e o fizer com firme propósito de emenda. As confissões omissas produzem ainda maior dano à alma.

«SEARA NOVA» N.º 1130

A sair em Dezembro de 1964

Provas enviadas à Censura em

de 21 de 64

TRABALHOS DE CENSURA
(SEDE)
PORTUGAL

Além disso, o propósito de emenda que, no plano individual e da confissão auricular, pode ser deixado a crédito do arrependido, exige, no plano da culpa colectiva e da confissão pública, garantias mais graves e práticas. A página 108 lembra-nos que os cristãos pediam perdão a Deus pelas fogueiras da inquisição e pelas geurras da religião. Mas será esse tipo de perdão suficiente? Por outro lado, dificilmente se poderá não estranhar a singular terapêutica de fazer apelo ao amor pelos carrascos de Dachau, pelos quais talvez também tivessem não poucos católicos que implorar pelo menos o seu bocadinho de perdão! Ou talvez não, porque, como escreveu o cardeal Montini, numa carta à revista «The Tablet» a propósito de Pio XII e da repressão aos judeus, «uma atitude de protesto e condenação não teria somente sido fútil, mas ainda prejudicial». Tal atitude «teria sido culpada de entregar o mundo, já atormentado, a calamidades ainda maiores, que teriam atingido inumeráveis vítimas inocentes». A transcrição identifica admiravelmente o tipo de atitude do qual, nas circunstâncias em questão, o «amor» é parente próximo.

«Amai-vos uns aos outros». «Amai os vossos carrascos». «Que o recurso à violência vos não macule a alma». Dir-se-ia não haver preceito mais universal. Mas nem sempre o que aparenta descompromisso amplíssimo escapa às cadeias de interesses onde se jogam os menos universalistas dos compromissos. O preceito de amar, distribuído como panaceia e deduzido para casos concretos com o geometrismo fácil de um Fesquet sociólogo, quantas vezes não repercute como convite à resignação! À resignação, sim, que afinal também é uma virtude castã...

A Igreja, quase toda a Igreja, reclama a sua própria renovação. Um livro como este exprime tendência de renovação

«SEARA NOVA» N.º 10/30

A sair em Dezembro de 1964

Provas enviadas à Censura em

de... XI... de 64

REPROZ. DE CENSURA
(SEDE)
CONTADO

50

doutrinária que, desde já, parece marcar pontos em importantes sectores, certamente alargará a sua zona de irradiação, talvez até se torne pensamento dominante da Igreja e, de qualquer modo, terá repercussões irreversíveis na mentalidade dos fiéis. Mas, além desse valor positivo, contém uma lição que importa destacar. É a de que há dois tipos de renovação. Uma diz respeito à reforma litúrgica, à simplicidade doutrinária, à racionalização da crença, à organização interna da Igreja, ao papel dos leigos, às relações com os protestantes e os «irmãos separados». Outra diz respeito à responsabilidade da Igreja na efectiva libertação do homem, no progresso social, na luta pelas condições de paz, na conquista de um mundo onde sem hipocrisia se possa instaurar a pessoa humana e o amor. Só este tipo de mentalidade caracteriza o catolicismo progressista. Embora mantenham algumas relações e se possam e devam completar reciprocamente, são em si dois tipos de renovação inteiramente distintos: passou o tempo em que se supunha que o obscurantismo era a essência do reaccionarismo. Muitas das escolas mais em voga do pensamento e da arte contemporânea provam suficientemente o contrário. Por isso, a lição que merece ser posta em evidência é a de que importa, por todos os meios, impedir se confundam os dois tipos de renovação, sob pena de o mais feérico fazer esquecer o mais heróico.

«A harmonização necessária entre as expressões oficiais da fé e a ciência moderna teria consequências incalculáveis. Bem raros são infelizmente os operários capazes de a compreender» (p. 214). É pena que os operários se não apercebiam do bem incomensurável que é depurar a fé da superstição, do mito, da asneira. A intenção de muito católico «progressista» não é outra quando fala da renovação necessária da Igreja. Mas tornar o catolicismo aceitável por um

«SEARA NOVA» N.º 1180

A sair em Dezembro de 1964

Provas enviadas à Censura em

F de XI de 64

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

«SEARA NOVA» N.º 1430

A sair em *Dezemb.* de 1964

Provas enviadas à Censura em

7 de *XI* de *64*

mundo em transformação e pôr o catolicismo ao serviço da transformação do mundo são propósitos inteiramente diferentes, que não podemos aceitar sejam confundidos. Se o primeiro merece sinceras felicitações pela coragem que exige e admiração intelectual pela dialéctica que pressupõe, só o segundo, contrário, pode cabalmente ser saudado como social e politicamente progressista. Só esse possibilita quer plataforma sólida para um diálogo na acção quer condições sociais para a prática de certas intuições morais do Evangelho.

Só então se poderá por em prática «a equação evangélica: amar a Deus = amar ao próximo». O autor crê, como todo o crente, que «uma religião que tal equação formula «não pode morrer antes da extinção da espécie humana» (p. 223). É questão que só no futuro poderá ser resolvida. Para já tanto aos que partilham da sua convicção como aos que a recusam, uma tarefa comum se abre em que necessariamente ambos podem colaborar, uns por amor a Deus, outros apenas pelo o amor ao homem. Não nos deve preocupar essencialmente saber se essa religião poderá morrer ou não; importa-nos é conseguir que tal equação, que aos olhos do crente garante uma imortalidade, possa efectivamente nascer à flor da terra.

SOTTOMAYOR CARDIA

COMISSÃO DE CENSURA
 (S. E. D. H.)
 CORTADO